6. Um olhar mais maleável sobre a psicanálise

Em “O Anti-Édipo” (1976), Gilles Deleuze e Félix Guattari questionam várias posições adotadas pela psicanálise clássica. Pretendemos mencionar aqui algumas das críticas feitas por estes autores no que diz respeito à concepção psicanalítica de desejo e de inconsciente, pois acreditamos que a forma adotada pela teoria psicanalítica clássica de se pensar estes dois conceitos traz conseqüências bastante significativas no que concerne à interpretação. Além disso, a concepção de desejo e de inconsciente denunciada por eles nos permitirá obter uma maior compreensão sobre as razões de a atividade interpretativa ocupar a posição de maior destaque na técnica psicanalítica clássica.

Diferentemente de Freud, Deleuze e Guattari irão perceber o inconsciente como sendo *maquínico* (1976). Este inconsciente, tal qual concebido por eles, seria pensado em termos de fluxo e não seria figurativo ou representacional. Em outras palavras, trata-se aqui de pensar o inconsciente como “figural abstrato” em oposição a figuras representacionais que não cessam de tentar apreendê-lo. O figural se opõe ao figurativo e é a potência de uma figura que nunca chega a se concretizar. Para eles, então, o inconsciente não é figurativo ou simbólico. Este é múltiplo e, conseqüentemente, não é representável e não é, tampouco, passível de apreensão.

O inconsciente visto como maquínico se aproximaria muito mais do id da segunda tópica freudiana do que do inconsciente da primeira tópica, uma vez que este último seria representacional e, logo, sempre atrelado ao recalcado. O id, por sua vez, traria algo que ultrapassaria a dimensão do recalque e poderia ser percebido como algo que resistiria a se fazer representar. Assim, é possível pensar a energia do id em termos de *fluxo*¹.

De acordo com esta nova maneira de se conceber o inconsciente, a interpretação perderia o posto *do* instrumento privilegiado da técnica, uma vez que ao inconsciente não apreendido pela representação não caberia mais a atribuição de significado.

Já foi demonstrado até aqui que a psicanálise clássica percebe o desejo como derivado da falta.

---

¹ É importante dizer que a própria concepção de fluxo já traz a noção de movimento, de algo inacabado e “não cristalizado”.

Seria justamente esta vinculação do desejo à falta – fruto da edipianização – que Deleuze e Guattari considerariam problemática, pois esta visão faz com que a psicanálise tenha uma perspectiva negativa sobre o inconsciente – lugar que abrigaria o desejo interdito e recalçado – e sobre o desejo – sempre remetido à falta, à castração:

Por mais que nos digam: vocês não compreendem nada, Édipo não é papai-mamãe, é o simbólico, a lei, o acesso à cultura, é o efeito do significante, é a finitude do sujeito, é a ‘falta-de-ser que é a vida’. E se não é Édipo, será a castração e as pretensas pulsões de morte. Os psicanalistas ensinam a resignação infinita, são os últimos padres (...) (Deleuze e Parnet, 1998, p.97).

Estes “últimos padres” catequizariam o indivíduo a fim de que este não lutasse mais contra a sua condição de “faltoso”, de castrado. Qualquer esforço neste sentido seria em vão e a única possibilidade seria resignar-se a esta condição estrutural.

Deleuze e Guattari irão propor um outro olhar que pensaria o desejo enquanto *produção*. Desejo e inconsciente seriam pensados aqui como *devir*, ou seja, como construção, processo, e não haveria, então, razões para que fossem remetidos a algo anterior. Este processo de devir dispensaria, obviamente, a própria concepção de sujeito², uma vez que tal conceito seria visto como “coagulado” e estagnado por ser sempre pensado em termos da representação.

Acreditamos que a importância que Winnicott atribui ao ambiente e à falha poderia se aproximar desta concepção de desejo como produção, uma vez que esta implicaria sempre *presença* e não falta. De acordo com o pensamento winnicottiano, a presença seria a potencialização de outras possibilidades e não a tentativa de preencher a lacuna deixada pela falta. Além disso, a teoria de Winnicott nos mostra que o bebê estaria sempre produzindo a mãe na sua melhor e na sua pior qualidade de presença.

Ao invés do inconsciente enquanto *representacional*, Deleuze e Guattari apostam em uma constante reinvenção que seria, por sua vez, incessantemente “esvaziada” pela psicanálise tradicional por insistir em remetê-la a uma representação: este “esvaziamento” se daria pela interpretação que tentaria

² A noção de subjetivação, que já traz em si a idéia de processo, poderia ser contraposta aqui à concepção de sujeito.

capturar o processo ou fluxo em uma representação específica (a matriz edipiana). Em outras palavras, a interpretação que seria, em última instância, uma tentativa de conferir sentido, esvaziaria toda a riqueza do inconsciente em dois momentos: ao tentar sempre apreendê-lo e, conseqüentemente, sufocá-lo através de um sentido que “cole” perfeitamente nele e ao remetê-lo sempre à mesma matriz edipiana.

De acordo com Deleuze e Guattari:

É por isso que devemos colocar a questão mais geral a propósito disso: o registro do desejo passa pelos termos edipianos? As disjunções são a forma da genealogia desejante; mas essa genealogia é edipiana, inscreve-se na triangulação de Édipo? Ou Édipo não será uma exigência ou conseqüência da reprodução social, enquanto esta se propõe a domesticar uma matéria e uma forma genealógicas que lhe escapam por todos os lados? (Deleuze e Guattari, 1976, p.29).

E ainda:

ela [a psicanálise] continua a colocar essas questões e a desenvolver suas interpretações do fundo do triângulo edipiano, no momento em que sente, entretanto, como os fenômenos ditos de psicose ultrapassam esse quadro de referência (Deleuze e Guattari, 1976, p.29).

Deleuze e Guattari irão, assim, denunciar o privilégio que a psicanálise clássica concede ao Édipo: esta elege como modelo a configuração neurótica e tentará explicar toda e qualquer diversidade a partir daí. O privilégio concedido à neurose não se daria por acaso: o esquizofrênico seria justamente aquele que escaparia e que resistiria a qualquer tentativa de captura fazendo, assim, com que a psicanálise clássica não pudesse domesticá-lo, preferindo – então – livrar-se dele:

(...) é preciso não esconder, Freud não gosta dos esquizofrênicos, não gosta da sua resistência à edipianização, ele tem mais a tendência de tratá-los como imbecis: tomam as palavras por coisas, diz ele, são apáticos, narcísicos, cortados do real, incapazes de transferência, eles se assemelham aos filósofos, ‘semelhança indesejável’. Pergunta-se freqüentemente sobre a maneira de conceder analiticamente a relação das pulsões e dos sintomas, do símbolo e do simbolizado. É uma relação *causal*, de *compreensão*, ou de *expressão*? A questão é colocada muito teoricamente. Porque, de fato, logo que nos colocam no Édipo, logo que nos medem a Édipo, tudo está acabado, e se suprimiu a única relação

autêntica, que era de produção (Deleuze e Guattari, 1976, p.40), (grifos dos autores).

O que estes autores pretendem é retomar a radicalidade do inconsciente assim como fora pensado na perspectiva freudiana do id, ou seja, sem ser somente em termos de recalque. Em outros termos, há aqui uma tentativa de atacar o estruturalismo na psicanálise.

Ferenczi, como vimos, condena a postura confortável do analista que se limita a ouvir as associações livres e interpretá-las do alto do seu pedestal. Este autor grita com veemência contra a hipocrisia do analista e, apesar de contemporâneo de Freud, já percebia e denunciava as limitações da técnica psicanalítica clássica.

As idéias de Deleuze e Guattari acabam por colocar uma outra questão de extrema relevância: será que a subjetividade tem apenas esta única possibilidade Edipiana e repressiva?

Obviamente, esta idéia para Deleuze e Guattari é absurda. Eles irão falar do *bricolage* de Lévi-Strauss:

A satisfação do *bricoleur* quando liga alguma coisa na tomada, quando desvia um cano d'água, seria muito mal explicada por um jogo de 'papai-mamãe' ou por um prazer de transgressão. A regra de produzir sempre o produzir, de enxertar o produzir sobre o produto é a característica das máquinas desejanter ou da produção primária: produção de produção (Deleuze e Guattari, 1976, p.22).

O *bricolage* seria, então, a atividade múltipla de cortar e colar, isto é, de estabelecer nova conexões. E esta multiplicidade não pode, de maneira alguma, ser apreendida por Édipo. Há, aqui, a idéia de produção contínua e não do produto acabado, estático, pronto e, portanto, passível de representação.

A idéia winnicottiana de transicionalidade, a fluidez do seu ambiente³ e a sua certeza de que é preciso manter o paradoxo – ao invés de liquidá-lo com o encontro de alguma solução – apontam para um dinamismo e uma recusa a permitir que o seu pensamento e a sua prática sejam traduzidos por tentativas de

---

³ A fluidez do ambiente em Winnicott denotaria uma resistência a qualquer forma de apropriação: a sua imprevisibilidade abriria espaço para uma gama significativa de possibilidades, o que nos permitiria compreender melhor a importância que ele concede à experiência.

apreensão. Além disso, não é possível perceber na teoria winnicottiana qualquer atenção especial dedicada ao Édipo.

Por uma outra via, Ferenczi também poderia se aproximar de uma visão psicanalítica que não se contentaria com possibilidades de representação: não seria justamente contra isso que “brigava”, ao tentar veementemente resolver problemas dos quais a metapsicologia não daria conta? Em outros termos, não seria possível dizer que Ferenczi não somente apontaria para a insuficiência da atividade interpretativa – e logo, da representação – como também denuncia toda a bagagem de distanciamento, frieza e falta de afeto que viria com ela?

A própria concepção de id, em contraposição ao inconsciente da primeira tópica freudiana (todo baseado no recalque), já comportaria esta dimensão não representacional, uma vez que poderia ser visto como algo que não se inscreveria de forma reducionista na representação enquanto tal.

Acreditamos que a grande questão que se coloca aqui com Deleuze e Guattari é ver de que forma esta psicanálise clássica não estaria se tornando platonista, na medida em que insiste em se manter na matriz edipiana, fazendo do Édipo o grande referente transcendente e metafísico da psicanálise. Eles, ao contrário, pensam que a finalidade do desejo é criar⁴. Conseqüentemente, é inconcebível que seja regulado pela falta ou capturado por Édipo, o que funcionaria como forma de repressão social. Os autores apontam, assim, para a necessidade de liberar o desejo das amarras da falta e da lei: este é livre e não um produto final, ou seja, não é nem ponto de partida, nem ponto de chegada e a idéia de uma origem ou de uma finalidade não têm o menor sentido aqui.

Assim como Deleuze e Guattari, Winnicott não partilharia da idéia de uma falta estrutural, mas de falha contingencial. Conseqüentemente, a idéia de um limite já previamente dado não teria lugar em sua teoria. Aqui, ao contrário, seria possível falar em *modulações*, ou seja, de limites não estruturais que seriam construídos *na relação*.

Além disso, a psicanálise clássica, privilegiando o Édipo, *interdita* e castra. Winnicott, por sua vez, fala de um ambiente que deve ser *favorecido* e não proibido.

---

⁴ Tem-se aí uma outra aproximação com Winnicott: já demonstramos a importância do criar na sua teoria e na sua prática.

Torna-se urgente acabar com a incessante tentativa de remeter os objetos parciais a representações de objetos totais. Toda e qualquer riqueza e multiplicidade se perdem caso sejam constantemente remetidas a uma dimensão transcendente de representação. Desta maneira, todo o espaço do acaso e da experiência que se produz se esvairia com esses remetimentos embotadores.

A infância acabou se tornando este espaço de remetimento. Ao invés de tal espaço, a proposta aqui é pensar a subjetivação como um processo. Logo, a infância também deveria ser pensada como tal, deixando de ser um ponto de referência no passado. Não se trata aqui de recusar a infância, mas de pensá-la como algo que está no presente, que se atualiza.

É importante mencionar que o homem não é transcendente em relação à natureza. O que há é uma *ilusão* de soberania e de supremacia do indivíduo. Assim, de nada adianta substituir Deus pelo homem, ou colocar a ciência no lugar da religião. O grande desafio que o pensamento de Deleuze e Guattari coloca é justamente a eliminação desses elementos transcendentais. Acreditamos que seja exatamente esta a nossa maior dificuldade em lidar com este pensamento, uma vez que estamos extremamente acostumados a trabalhar com referentes transcendentais e metafísicos. A idéia aqui, ao contrário, é a de privilegiar a vida composta por suas múltiplas formas.

O bebê é a mais bruta expressão de vitalidade. Infelizmente, o que ocorre é que nós, adultos, saímos em uma busca frenética de recortá-lo e pessoalizá-lo de todas as formas possíveis.

Deleuze e Guattari irão afirmar que:

Somente a categoria de *multiplicidade*, empregada como substantivo e superando tanto o múltiplo quanto o Um, superando a relação predicativa do Um e do múltiplo, é capaz de dar conta da produção desejante: a produção desejante é multiplicidade pura, isto é, afirmação irreduzível à unidade. Estamos na idade dos objetos parciais, dos tijolos e dos restos. Não acreditamos mais nesses falsos fragmentos que, como os pedaços da estátua antiga, esperam ser completados e recolados para compor uma unidade que é também a unidade de origem. Não acreditamos mais em uma totalidade original, nem uma totalidade de destinação. Não acreditamos mais no acinzentado de uma insípida dialética evolutiva, que pretende pacificar os pedaços porque ela arredonda suas arestas. Só acreditamos em totalidades *ao lado*. E se encontramos uma totalidade assim ao lado das partes, é um todo dessas partes, mas que não as totaliza, uma unidade de todas essas partes, mas que não as unifica, e que se

acrescenta a elas como uma nova parte composta à parte (Deleuze e Guattari, 1976, p.61), (grifos dos autores).

Não é difícil perceber acima a crítica que os autores fazem à totalidade e à dialética⁵. Na contramão desta idéia, o pensamento do devir seria o uso pensado apenas no próprio múltiplo sem estar atrelado a um ponto inicial para onde seria constantemente remetido e também sem um destino final. É importante mencionar que multiplicidade não é fragmentação, uma vez que esta última seria produto do estilhaçamento de uma unidade primeira.

Acreditamos ser possível afirmar que a crítica de Deleuze e Guattari não se restringe somente ao Édipo, mas também a toda unificação. Ora, o objetivo da interpretação não é justamente unificar elementos aparentemente desprovidos de sentido? Em outras palavras: não seria a atividade interpretativa a tentativa de um somatório de parte diversas em um todo contendo significado? E não seria justamente esta unificação que propiciaria o significado? A suposição de um todo primeiro ou um todo posterior é extremamente problemática para esses autores. E a interpretação supõe exatamente isso: a colagem de um todo primeiro a um todo posterior, agora provido de sentido e, logo, passível de representação.

Obviamente, estes dois autores não irão trabalhar com a noção de *limites*, mas de *limiaries* e também de *prudência* (1998). O limiar seria um espaço de passagem e haveria mudanças de intensidade ao se passar de um limiar para outro.

É pertinente mencionar que prudência e limite são noções distintas e que, desta forma, não devem ser confundidas: a primeira seria uma atividade em construção, no processo de experimentação, em movimento, enquanto que o limite – ao contrário – já seria dado previamente, isto é, seria estrutural.

Da mesma forma, faz muito mais sentido para esses autores pensar em termos de *falha* e não de *falta*, uma vez que esta última seria vista como uma espécie de “motor primeiro”, já dado previamente. A falha, ao contrário, somente poderia ocorrer na produção, ou em outros termos, na presença e seria, assim, um resultado possível de um processo em andamento, ou seja, de uma experiência.

Este novo olhar não partilharia de uma percepção negativizada do desejo e, conseqüentemente, do inconsciente e passaria a positivizar os dois, uma vez que o

---

⁵ Acreditamos que o paradoxo winnicottiano em muito se assemelha com esta visão que se negaria a delimitar o seu espaço, ao ser forçado a escolher uma entre duas opções. A própria idéia de paradoxo não aceitaria exclusões.

intuito aqui não é o de injetar a castração no inconsciente como prega a psicanálise clássica ao insistir em reduzir toda uma diversidade de materiais e experiências ao Édipo, isto é, ao persistir na tarefa pedagógica de confrontar o sujeito a sua castração ou a sua falta.

Assim, para a psicanálise clássica, Édipo passaria a ser problema e também solução: toda interpretação em análise recairia sobre ele. Além disso, a única forma de tornar-se sujeito seria ultrapassar o complexo e conformar-se com a falta.

Deleuze e Guattari verão em Édipo um dispositivo de captura e irão denunciar as duas únicas possibilidades que nos são oferecidas de acordo com essa psicanálise clássica: ou nos diferenciamos no binário (homem/ mulher), ou caímos na indiferenciação (morte). Em outros termos, a equação aqui seria: o que é proibido = o que é desejado. Esses dois autores irão desafiar essas duas opções que nos são dadas como as únicas possíveis, uma vez que, ou assumimos a proibição e escolhemos em função desta proibição ou, então, nada há para escolher. Deleuze e Guattari irão mostrar que é a proibição que cria a transgressão. Em outras palavras, a transgressão não seria primeira.

Assim, de acordo com estes dois pensadores, o problema seria toda a multiplicidade e polivacidade fragmentária de conexões possíveis passarem a ser rebatidas sobre este único operador transcendente. É esta imposição do Édipo que esmagaria a produção desejante, isto é, do desejo entendido como produção que passaria pelo viés da multiplicidade.

Finalmente, gostaríamos de acrescentar que Deleuze e Guattari reconhecem descobertas freudianas extremamente importantes: o conceito freudiano de perversão polimorfa, o método da associação livre e as pulsões parciais, além do id da segunda tópica já mencionado anteriormente – todas não atreladas a um objeto específico – serão consideradas por esses autores como algumas das grandes conquistas da psicanálise.

Segundo eles, porém, é lastimável que, na seqüência, toda essa riqueza fique atrelada à soberania de um único complexo transcendente. Mais ainda, Deleuze e Guattari acreditam que é a própria técnica desta psicanálise edipiana que irá perpetuar este modelo normatizador, impondo uma forma de subjetivação específica e interessada através de Édipo que, por sua vez, submete e apreende a fluidez da multiplicidade que se passa na experiência, ao engessá-la em um único

sentido, capturando e esvaziando, assim, toda a potência do que o próprio Freud tinha de melhor. Para isto, nada melhor do que a utilização de uma arma extremamente poderosa: a interpretação coercitiva e dogmática que coíbe e corta qualquer possibilidade de subjetividade, impondo ao que seriam momentos provisórios de atualização uma identidade empobrecida, cristalizada e imutável.

Ora, a análise do jovem russo não teria se passado exatamente assim? As interpretações maciças que a caracterizaram não teriam justamente tentado apreender e capturar toda uma multiplicidade que este caso nos apresentou? Aqui, castração e Édipo não teriam se revelado até mesmo mais fortes do que o impactante momento histórico da época⁶, fato confirmado por uma obstinação cega em ignorá-lo e pela firme recusa a lhe conceder qualquer espaço? Em outros termos, este caso pôde nos mostrar que a psicanálise clássica, com o seu Édipo e a sua castração característicos, não recua diante de nada, insistindo em avançar e em atropelar impiedosamente o que quer que esteja gritando e eclodindo à sua frente, inclusive uma guerra mundial; agindo como se ela própria e aqueles que a procuram fossem peças superiores e destacáveis de seu meio e de seu tempo.

Acreditamos que em vários aspectos – como tentamos demonstrar até aqui – as idéias winnicottianas e ferenczianas em muito se aproximariam e confirmariam o pensamento de Deleuze e Guattari, já que também tentaram nos mostrar que não precisamos perpetuar restrições ou permanecer entrincheirados e alheios ao nosso meio. Ferenczi, Winnicott, Deleuze e Guattari – cada um a seu modo – denunciaram a nocividade e a pequenez de insistir em tentar apreender e reduzir a diversidade e a riqueza que nos cercam.

---

⁶ Referimo-nos aqui à I Guerra Mundial que, como sabemos, trouxe conseqüências devastadoras para a vida deste jovem.